

APRESENTAÇÃO

1968: uma revolta juvenil mundial

Assim que se começa a estudar sobre os movimentos estudantis de 1968, depara-se com o caráter mundial destas revoltas juvenis. Logo se poderia pensar que as revoltas teriam começado nos países “desenvolvidos” ou do “Primeiro Mundo”, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Como imitação ou seguindo o exemplo, teriam os estudantes dos demais países do mundo também se revoltado.

O que se propõe nesta análise sobre 1968 é que seja outro o olhar sobre tais movimentos. Eles conformam uma onda mundial, uma corrente global de rebeliões e contestações em que o todo é quem permite compreender as partes, ou seja, um olhar exclusivo sobre as revoltas de um ou alguns poucos países – dos quais, supostamente, os demais teriam feito cópias pálidas e inautênticas – não é o mais interessante e revelador. É preciso, antes, entender as partes na sua relação com o todo e conceber o todo como formado pelo complexo de causas e conseqüências dos movimentos, e pelos próprios movimentos. Com isto, as próprias partes, em suas singularidades, podem ser melhor compreendidas.

É isso que busco neste livro, e é por isso que discuto aspectos mais gerais e globais das rebeldias estudantis de 1968, para depois me debruçar mais detidamente sobre o Brasil. O movimento que vai do todo às partes, encontrará seu devido contraponto no olhar que vem das partes ao todo.

Voltando à questão dos supostos autores mais autênticos da revolta de 1968, se olharmos mais atentamente para as temporalidades daquela onda mundial,

perceberemos que os movimentos no chamado “Terceiro Mundo”, nos países “subdesenvolvidos”, “em desenvolvimento” ou “dependentes” tiveram certa precedência no tempo em relação àquelas mais famosas na Europa e nos Estados Unidos. Enfim, deve se destacar a influência para o conjunto daquela onda mundial de ideologias fomentadas no Terceiro Mundo, tanto o “terceiro-mundismo” quanto os socialismos gestados em países outrora submetidos ao imperialismo europeu e norte-americano, em especial China e Cuba.

É com este olhar que desejo realizar a descrição e análise – esta interpretação – dos movimentos estudantis de 1968, primeiro no mundo, depois no Brasil. Talvez fosse melhor chamar de movimentos estudantis, mesmo ao se referir ao contexto nacional. No caso do Brasil, tivemos em 1968 não um movimento estudantil, mas antes um complexo de revoltas estudantis estaduais e mesmo locais – em especial nas grandes cidades – que se conjugaram em algumas bandeiras de luta mais conscientes – notadamente contra o Regime Militar – e desejos nem sempre conscientes. Estes desejos, não necessariamente racionalizados pelos próprios desejantes, conformam o veio principal do caráter cultural – de contestação comportamental e de valores - presente nestas revoltas. Isto fez com que tais movimentos carregassem, imbricados aos seus aspectos políticos, aspirações juvenis pela “liberação” de comportamentos e transformações dos valores do cotidiano.

Este olhar dirigido também para o aspecto juvenil e contracultural de 1968 complementa o foco de interpretação desta obra. Proponho, em relação ao aspecto da juventude desta onda mundial, que foi justamente o caráter juvenil desta o seu principal denominador comum. Nem todos os

movimentos foram levados adiante por estudantes de classes médias das grandes cidades do mundo, ainda que tal retrato caracterize a maior parte dos movimentos. Contudo, nos demais movimentos sociais de 1968, secundários ou não na sua importância histórica, como guerrilhas anti-imperialistas, focos revolucionários, contraculturas, movimentos de operários, de camponeses e de estudantes de Ensino Médio, o caráter juvenil das mobilizações foi marcante. Ele esteve presente na idade da maior parte ou parte relevante de seus militantes, ou, ao menos, na juvenildade de suas metas e bandeiras.

A maioria dos textos que deram origem a este livro já havia sido antes publicada em revistas acadêmicas ou fez parte de minha tese de doutorado, “Uma onda mundial de revoltas”, de 2000. Todos, entretanto, foram reelaborados especialmente para este fim.

Na parte I, os capítulos 1 a 4 se originam do artigo “Universidade e comunidade na perspectiva dos movimentos estudantis dos anos 1960”, publicado pela revista *Educação Unisinos* (São Leopoldo, vol. 9, n. 1, jan.-abr./2005) e *História da Educação* (Pelotas, vol. 9, n. 18, set./2005). O cap. 3 do artigo “Terceiro Mundo e movimentos estudantis dos anos 1960”, pela revista *Educação e Cidadania* (Campinas, vol. 4, n. 2, jul.-dez./2005). Na parte II, os capítulos 1, 2 e 6 são originários da minha tese de doutorado. O capítulo 3 é uma versão modificada de trechos do capítulo “As novas esquerdas e o movimento estudantil no Brasil: 1961-1967” (publicado no livro *Movimento estudantil brasileiro e a Educação Superior*, organizado por M. Zaidan Filho e O. L. Machado, Editora da UFPE, 2007) e do artigo “A questão universitária e o movimento estudantil no Brasil nos anos 1960” (Revista *Impulso*, Piracicaba, vol. 16, n. 40, maio-ago./2005).